

## **Narrativas psicotrópicas: um estudo de caso das reportagens do Profissão Repórter sobre consumo, produção e comercialização da Cannabis**

### *Psychotropic narratives: a case study of reporting of Profissão Repórter on consumption, production and marketing of Cannabis*

Bruno de Jesus LEITE<sup>1</sup>

#### **Resumo**

O presente trabalho se propõe a analisar o emolduramento e os aspectos valorativos de noticiabilidade utilizados em duas edições do Profissão Repórter em que o tema pautado foi exclusivamente o consumo, a produção e a comercialização da maconha. O programa jornalístico analisado é veiculado semanalmente pela Rede Globo de Televisão em formato de temporadas. Para a concepção desta análise foram utilizados como embasamento teórico os conceitos de newsmaking e framing.

**Palavras-chave:** Globo, Jornalismo. Maconha. Framing. Valor-notícia.

#### **Abstract:**

The present work proposes to analyze the framing and value aspects of newsworthiness used in two editions of the Profissão Repórter in which the theme was exclusively the consumption, production and commercialization of marijuana. The analyzed journalistic program is broadcast weekly by Rede Globo de Televisão in seasonal format. For the conception of this analysis, the concepts of newsmaking and framing were used as theoretical basis.

**Keywords:** Globo. Journalism. Marijuana. Framing. News values.

#### **Introdução**

“A ideia de framing se relaciona aos ângulos de abordagem dados aos assuntos pautados pelos meios de comunicação. [...] O frame seria justamente o quadro a partir do qual um determinado tema é pautado, processado e discutido na esfera pública”

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: brunojeite@gmail.com

(GUTMANN, 2006, p.6). Para Scheufele (1999 apud loc. cit.), “a mídia investe na construção de quadros de referência que os leitores ou telespectadores utilizam para interpretar e discutir os eventos e temas da agenda pública”.

O Newsmaking por sua vez pretende estudar desdobramentos da rotina produtiva da notícia como a noticiabilidade e o valor-notícia, sendo este último uma das principais questões trabalhadas nas páginas a seguir.

No presente trabalho, buscou-se, por meio de uma análise comparativa entre as duas edições do programa Profissão Repórter, identificar os aspectos valorativos e o enquadramento utilizados no processo de construção da notícia e levantados pelos autores consultados. Elementos cujo ponto de congruência são as subjetividades profissionais, como é o caso dos julgamentos dos produtores de notícia e as crenças dos jornalistas sobre a recepção.

## 1 Objeto

Duas edições do jornalístico Profissão Repórter serviram de base para a construção deste trabalho intitulado ‘Narrativas Psicotrópicas: um estudo de caso das reportagens do Profissão Repórter sobre consumo, produção e comercialização da Cannabis’. Veiculadas em 29.10.2013 e 05.07.2017, pela TV Globo e disponíveis na plataforma de streaming Globo Play, as reportagens que têm duração, respectivamente, de 29 e 37 minutos, abordam exclusivamente a temática do uso, produção e comercialização da maconha.

Por meio de uma consulta no catálogo de reportagens do programa na plataforma de streaming do canal, é notável a recorrência de edições ligadas a assuntos como saúde pública, catástrofes, segurança pública e até mesmo o uso de substâncias entorpecentes - tema que rendeu ao programa uma indicação ao Emmy Internacional de Notícias de 2012.

### 1.1 O Profissão Repórter

“Nossos repórteres/produtores vão se movimentar de forma simultânea, com narração própria, garantindo um olhar diferenciado sobre cada lado envolvido na história”, esse parágrafo é segundo Marcel Souto Maior (2016, p.12), um trecho do projeto inicial do Profissão Repórter proposto por Caco Barcellos à direção da Rede Globo de Televisão. O

programa surgiu em 2006 como um quadro do Fantástico, mas em 2008 tornou-se fixo na programação da emissora.

O jornalístico semanal é produzido pela Globo em formato de videorreportagem por uma equipe de jovens repórteres sob a batuta do jornalista Caco Barcellos. Com o objetivo de mostrar os vários ângulos de um fato, a matéria-prima do programa são as histórias de pessoas anônimas. Com o slogan “os bastidores da notícia, os desafios da reportagem”, várias etapas do processo de produção de uma notícia são exibidas. No entanto, etapas fundamentais como a própria reunião de pauta são deixadas de fora.

## 1.2 A Erva

Maconha, marijuana, ganja e outros tantos são nomes dados a Cannabis, erva psicotrópica, que classificada em duas espécies, sativa e indica, faz a cabeça de pessoas há centenas de anos, tanto no sentido literal quanto no figurativo. Estima-se que 183 milhões de pessoas façam uso deste vegetal no mundo.<sup>2</sup> O seu surgimento é impreciso. “Há quem ache que surgiu há 8 mil anos; a revista espanhola Cañamo garante que foi há 5 mil” (GABEIRA, 2000, p.9).

Os benefícios e os malefícios da maconha são motivo de contestação a nível mundial, pois enquanto uns asseguram que a mesma faz bem,<sup>3</sup> outros alegam que faz mal.<sup>4</sup> Desta forma, a maconha é o objeto de trabalho de diversos pesquisadores, que apontam a existência de centenas de substâncias químicas canabinoides, dentre elas o tetraidrocanabinol (THC), principal substância psicoativa, e o canabidiol (CBD), possuidor de efeitos medicinais comprovados cientificamente.

---

<sup>2</sup> Dados do World Drug Report 2017, estudo divulgado anualmente pela Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>3</sup> G1, Bem Estar, Maconha pode rejuvenescer cérebro, diz estudo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/maconha-pode-rejuvenescer-cerebro-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em: 26 de agosto de 2017.

<sup>4</sup> ABP, Maconha faz mal sim. Disponível em: <<http://www.abp.org.br/portal/maconha-faz-mal-sim/>>. Acesso em: 26 de agosto de 2017.

No Brasil, desde 2015, medicamentos à base CBD (e posteriormente também THC) podem ser prescritos por psiquiatras, neologistas e neurocirurgiões.<sup>5</sup> Com exceção de sua utilização para fins medicinais, para o uso mediante autorização legal ou regulamentar e para exploração da sua utilidade enquanto prática ritualística-religiosa, é estritamente vetado o cultivo, a colheita e a exploração da Cannabis em território nacional.<sup>6</sup>

Envoltos em uma política proibicionista, os debates sobre saúde e segurança pública; a marcha da maconha; Fernando Henrique Cardoso e Jean Wyllys; presídios superlotados; projetos de lei; e o próprio Superior Tribunal Federal dão “pano para manga” em relação a uma peleja sobre um ícone que já se tornou pop, haja vista que o comércio de produtos ligados à cultura canábica só faz crescer.

## 2 Enquadramento e Valor-Notícia

A utilização inicial do conceito de framing se deu na sociologia, pelo cientista social Erving Goffman e acabou logo depois sendo utilizado por pesquisadores debruçados no campo dos chamados media effects. Nesta área, se o conceito tivesse um pai este seria o agendamento, nascido na década de 70, época apontada por teóricos como a terceira fase dos estudos.

De acordo com o pensamento entmaniano,<sup>7</sup> o framing atua como esquemas de processamento de informações e depende de duas coisas: seleção e ênfase. Entman expõe cinco elementos para a análise do enquadramento de uma narrativa jornalística: metáforas, palavras-chave, símbolos, conceitos e imagens enfatizadas. “Isto significa que o framing pode ser identificado através da observação de imagens visuais e palavras repetidas insistentemente em um texto midiático para tornar algumas ideias mais aparentes que outras” (GUTMANN, 2006, p.8).

Shen (2004) explica, por meio da teoria da acessibilidade cognitiva, que a maior parte da audiência utiliza as informações que lhes são mais acessíveis para fundamentar

---

<sup>5</sup> G1, Bem Estar, Anvisa autoriza prescrição de remédios à base de canabidiol e THC. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/03/anvisa-autoriza-prescricao-de-remedios-base-de-canabidiol-e-thc.html>>. Acesso em: 26 de agosto de 2017.

<sup>6</sup> Lei Nº 11.343, de 23 de agosto de 2006.

<sup>7</sup> Se refere ao pensamento de Robert Entman, professor de Mídia e Assuntos Públicos e de Assuntos Internacionais da Universidade George Washington.

suas decisões e julgamentos. Mas que, “o impacto persuasivo de uma moldura irá depender da maneira com que a mensagem interage com as predisposições das pessoas e suas estruturas de conhecimento” (SHEN, 2004, apud Id. Ibid., p.12).

Desde a década de 80, considera-se que a recepção é um participante ativo no processo de construção da informação. “Com base em elementos da sociologia do jornalismo, Gaye Tuchman analisa a notícia como uma construção social e se apropria do conceito de enquadramento para identificar os princípios de organização que estão na base da seleção e definição dos fatos noticiosos” (Id Ibid, p.9). Como dizem Stuart Hall et al.:

Os media não relatam simplesmente e de forma transparente acontecimentos que são só por si só naturalmente noticiáveis. As notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas. (HALL et al., 1999, p. 224)

Neste sentido, a rotina jornalística e os mapas culturais de significação assumem um lugar importante no processo de veiculação da notícia. São eles, que juntamente com os chamados valores-notícia, são utilizados na seleção de fatos noticiáveis (ou não) pelos vários *gatekeepers*<sup>8</sup> envolvidos no supracitado processo. Para Stuart Hall et al.:

Um acontecimento só faz sentido se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações culturais. Se os jornalistas não dispusessem de tais mapas culturais do mundo social, não poderiam dar sentido aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é noticiável. (HALL et al., 1999, p. 226)

Wolf (2006) conceitua a noticiabilidade como um conjunto de elementos com que o órgão informativo controla e gere o número e o tipo de acontecimentos para selecionar as notícias. Segundo o autor, os valores-notícia compõem a noticiabilidade e são designados por quatro critérios: “às características substantivas das notícias; seu conteúdo; à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público; à concorrência.” (WOLF, 2006, p. 200). Conforme Wolf, para os acontecimentos terem sentido são colocados em primeiro plano aspectos como morte, inesperado, conflito, notoriedade, proximidade, relevância, etc.

---

<sup>8</sup> Termo aplicado ao jornalismo pela primeira vez em 1950 por David Manning White para definir os profissionais envolvidos no processo de produção da notícia. Para White, tais profissionais utilizam de suas subjetividades para analisar se um fato será noticiado ou não.

## 2.1 Análise I

A edição do dia 29/10/2013, teve como tema a “Experiência dos países que mudaram as leis sobre as drogas”. A equipe se dividiu em três para cobrir a pauta. Thiago Jock foi para Portugal, acompanhar o impacto da política de legalização sancionada em 2001. Paula Akemi foi até os EUA entrevistar ativistas, empresários e consumidores sobre a lei que descriminaliza o consumo recreativo, a ser sancionada no ano seguinte. E Pierre Marcel, um repórter francês convidado, deslocou-se ao Uruguai para mostrar o desenrolar do projeto de legalização que tramitava no Senado Federal. As reportagens se dividem e se intercalam em pequenos blocos.

Na primeira matéria, em Portugal, o programa afirma que o país foi um dos primeiros do mundo a adotar uma “lei polêmica”, segundo eles. O termo “drogas” é utilizado pela segunda vez. São exibidas imagens de uma smartshop<sup>9</sup> fechada por conta da proibição do governo português após a morte de alguns clientes. Porém, não é explicitada de que forma esses clientes vieram a óbito. Em um segundo momento, Thiago utiliza da câmera escondida para circular pelo centro de Lisboa. Durante o percurso ele é abordado por três homens, que lhe ofertam maconha e outras substâncias.

No primeiro trecho sobre o Uruguai os termos “polêmico” e “droga” voltam a aparecer ao se referirem sobre o posicionamento tomado pelo governo acerca da maconha. Trechos de arquivo de produções jornalísticas da emissora sobre o processo de tramitação no Congresso do Uruguai são mostrados. Pierre vai até a casa de Viviana, uma mulher que utilizou a maconha para aliviar as suas dores constantes, de lá acompanham-na até uma pizzaria, onde acontece uma aula de cultivo de maconha. Cenas de pessoas fumando na rua são exibidas. Logo depois, Ruan - um ativista que após cumprir sete anos de prisão criou uma associação de estudos da maconha - é entrevistado. Ele diz que a sua intenção é mudar o estigma de que os consumidores de Cannabis são “vagabundos”.

Enquanto isso, no Colorado (EUA), a reportagem encontra Felipe, um estudante que afirma já ter experimentado, mas que não gostou por conta do “efeito preguiçoso” da maconha. No decorrer da matéria, imagens de consumo intercalam com os depoimentos das pessoas. Benefícios, como a utilização no tratamento de doenças são mencionados,

---

<sup>9</sup> Lojas portuguesas que comercializavam substâncias entorpecentes naturais.

uma loja de comercialização de Cannabis para fins medicinais e uma plantação em estufa localizada em um bairro industrial com mais de 30 tipos de maconha são apresentados. Os dados reproduzidos dizem que a nova lei irá inserir três milhões de novos consumidores, mas a fonte de tais dados não é citada.

De volta ao Uruguai, o enfoque agora se dá nas plantações caseiras. Antes de entrar em uma delas o repórter utiliza do estereótipo ao dizer: “ Sejam bem-vindos à Jamaica”. Um dono de loja para produtos para o cultivo da Cannabis é entrevistado, dando um sentido de rentabilidade ao comércio de produtos ligados a erva. O mesmo sentido é visto no outro trecho no Colorado, em que são exibidas imagens de um laboratório de pesquisas que desenvolve produtos comestíveis e cosméticos. Um dos pesquisadores acusa o excesso de maconha como causador de efeitos psicóticos, paranoia e paralisia do sono. O programa volta a apresentar dados sem mencionar a fonte, desta vez afirmando que 14 crianças tiveram overdose de maconha no estado do Colorado em um período de dez anos, mas que não houve mortes. A repórter Paula Akemi conhece um grupo de empresários que viram na maconha uma oportunidade empresarial e a brasileira Priscila, babá que mora nos EUA e revela utilizar a maconha para fins recreativos, comparando o excesso da utilização ao excesso de comida.

Casos como o de uma ativista norte-americana que exige leis mais duras, o de pacientes e da psicóloga de uma clínica de desintoxicação uruguaia, reforçam na narrativa, a hipótese da maconha como porta de entrada para drogas tidas como mais pesadas e como uma vilã da instituição familiar. Dados, também sem fonte, são veiculados, mostrando que 63 % da população uruguaia se posiciona contra a legalização. Como contraponto, o deputado uruguaio Sebastián Sabini, autor do projeto de legalização é entrevistado e argumenta que a legalização traria uma redução de riscos e acabaria com o contato entre traficante e usuário.

Um pequeno trecho explora o caráter degradante do vício em pasta-base de cocaína nas ruas do Uruguai e então Portugal volta a aparecer, mostrando os aspectos da política de tratamento e reinserção de pessoas viciadas em substâncias alucinógenas. A edição termina com o caso de duas meninas norte-americanas portadoras de doenças que causam crises epiléticas constantes e que obtiveram com a erva, uma melhora em seus quadros clínicos.

## 2.2 Análise II

A segunda edição analisada do programa, a do dia 05/07/2017, teve como tema a “Maconha” e ao contrário da edição de 2013, explorou também histórias brasileiras relacionadas ao assunto. Caco Barcellos, Estevan Muniz e Guilherme Belarmino foram os repórteres.

João Pessoa foi o primeiro destino desta edição, Estevan Muniz mostra o primeiro cultivo legal de maconha para fins medicinais da única associação do Brasil que produz óleos a partir da Cannabis, autorizado pela Justiça Federal. Nesse trecho, um dos responsáveis é entrevistado e diz que a finalidade de tal associação é fazer o melhor para as famílias. As imagens exibem pessoas com mal de Parkinson sendo submetidas a dosagens de THC e tendo melhoras em seus tremores. Opiniões médicas divergentes são expostas, o médico da associação fala sobre como tais tratamentos são experimentais e complementares, já o presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria desencoraja a utilização do THC para fins medicinais, defendendo que a substância pode acelerar os sintomas da esquizofrenia.

Caco Barcellos por sua vez vai até o Polígono da Maconha<sup>10</sup>. A reportagem mostra uma região pobre e entrevista a população local a respeito do cultivo da erva no território, que segundo dados apresentados, movimentam 45 mil pessoas. Em seguida Paulo César, policial da reserva que faz parte do LEAP<sup>11</sup>, relata e exibe imagens que deixam a entender que apesar de ostensivo, o trabalho de extermínio da produção não surte efeito e causa segundo ele, “encarceramento e morte”.

Em Santa Teresa, bairro do Rio de Janeiro, Guilherme Belarmino aborda moradores da localidade para saber sobre a violência na região e apenas moradores da área fora da favela são entrevistados, as pessoas de dentro são retratadas apenas por meio de fragmentos de produções jornalísticas da emissora falando sobre a violência na

---

<sup>10</sup> Região entre os estados da Bahia e Pernambuco onde se concentra uma grande quantidade de áreas de cultivo de Cannabis.

<sup>11</sup> LEAP é a Associação dos Agentes da Lei contra a Proibição, formada por juízes, policiais, promotores e outros agentes de segurança pública, se posicionam em prol da descriminalização e regulamentação das drogas.



comunidade. Uma reunião para debater a política de drogas é mostrada e dois integrantes da LEAP relatam e enfatizam a ideia de que a guerra contra as drogas é uma prática falida.

Novamente na Paraíba, Sheila, mãe de um garoto com crises de convulsões mostra o progresso do uso dos remédios à base de maconha. Seguidamente, a reportagem vai até Fortaleza, apontada como a capital mais violenta do país, cobrir ocorrências policiais de homicídios e mostra imagens de marcas de tiros e pichações de facções em muros da periferia, colhe relatos de diversas pessoas que reforçam a ideia do tráfico de drogas como uma exclusividade da periferia. Em um dos relatos, cenas de um corpo ensanguentado sob um tecido branco é exposto, em outro, uma guarda municipal revela que há racismo e segregação na coibição que é feita.

O programa expõe duas histórias que se relacionam, a de Eliane Nunes, uma das únicas psiquiatras que receitam óleo de Cannabis, e a de Maria Antônia, primeira paciente brasileira a vaporizar o óleo de Cannabis em um hospital. Um clube canábico ilegal na Paraíba é visitado pela equipe e por fim o programa vai até o Uruguai, onde a venda, o cultivo e os clubes canábicos são regulamentados.

## **Considerações finais**

Na tentativa de ser objetivo e imparcial no sentido moral de ambos os conceitos, o Profissão Repórter mostra diversas narrativas multiangulares que divergem da lógica narrativa explorada por outros veículos, que rotineiramente mostram as apreensões e queimas de toneladas de maconha. Não obstante, é notável, talvez numa tentativa de dar sentido para a recepção, a utilização da velha prática dos estereótipos consensuais acerca do uso recreativo da maconha, demonstrados em grande parte de ambas reportagens como um hábito jovem, relegado às regiões periféricas e de classes menos abastadas.

Durante as duas análises, são perceptíveis a presença de imagens sensacionalistas (como no caso do corpo ensanguentado e de pessoas utilizando substâncias em situações degradantes), de termos recorrentes e a exploração da polêmica. As narrativas e argumentações como a de fragilidade da política proibicionista, a de rentabilidade e os exemplos de outros países corroboram para uma espécie de posicionamento do veículo em prol da descriminalização do uso de substâncias psicoativas.

Ambas edições exploram a figura do primeiro, seja no enfoque sobre o primeiro país a criar leis sobre drogas, na primeira plantação legal de maconha para uso medicinal ou na história da primeira pessoa a vaporizar óleo de Cannabis em um hospital no Brasil. O inusitado, por sua vez, aparece na fala de agentes da lei, que se prontificam a defender a legalização.

Segundo Hall et al. (1999), a mídia apresenta o primeiro e talvez o único contato da recepção com acontecimentos e questões importantes. Na intenção de oferecer uma perspectiva de importância, há nas duas edições, uma busca pela relevância de tal tema para a sociedade. Entretanto, na primeira edição analisada, a argumentação se enfraquece quando os dados sem fonte são empregados.

Levando em conta que os valores-notícia são socialmente construídos e, portanto, mutáveis ao longo do tempo, seria, por exemplo impensável uma temática desta sendo explorada durante a década de 70, no auge da ditadura militar. Na época, uma lei antidrogas<sup>12</sup> muito mais proibicionista que a atual foi sancionada.

## Referências

GABEIRA, Fernando. **A Maconha**. Publifolha: São Paulo, 2000.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting? **Contemporanea**, Salvador, vol.4, nº1, p.25-50, jun. 2006.

GLOBO PLAY. Profissão Repórter - Maconha - 05/07/2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5988242/programa/>>. Acesso em: 02 de set. 2017.

GLOBO PLAY. Programa mostra a experiência de países que mudaram as leis sobre as drogas - Parte 1. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/2920854/programa/>>. Acesso em: 02 de set. 2017.

GLOBO PLAY. Programa mostra a experiência de países que mudaram as leis sobre as drogas - Parte 2. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/2920856/programa/>>. Acesso em: 02 de set. 2017.

HALL, Stuart; CRISTCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. A produção social das notícias: Os mugging nos media. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

---

<sup>12</sup> Lei Nº 6.368, de 21 de outubro de 1976.

MAIOR, Marcel Souto. O começo: o programa dos sonhos. IN: BARCELLOS, Caco. Profissão Repórter 10 anos: grandes aventuras e grandes coberturas. São Paulo: Planeta, 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 9. ed. Lisboa: Presença, 2006.